

Indústria e desenvolvimento regional: o caso do polo industrial de calçados de São João Batista/SC

*Industry and regional development: the case of the footwear
industrial center of São João Batista/SC*

HELTON ROGÉRIO DA ROSA¹

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: heltonrosa.geo@gmail.com

Resumo: No presente ensaio buscar-se-á fazer uma breve análise do setor calçadista de São João Batista, capital catarinense do calçado, à luz do paradigma de formação socioespacial. A eleição da análise busca elucidar fatores de primeira ordem que dizem respeito à localização espacial da produção, bem como da especialização produtiva daquele aglomerado industrial. Tais questões, quando vistas a partir do cabedal teórico-metodológico elencado pela ciência geográfica, resultam num melhor entendimento do processo histórico desdobrado a partir de condicionantes naturais e sociais, possibilitando uma alocação dos recursos, tanto materiais quanto imateriais, numa dada fração do espaço geográfico. De outro modo, a possibilidade em desvendar os condicionantes genéticos da produção permite uma análise mais fiel à realidade atual daquele polo produtivo.

Palavras-chave: formação socioespacial, indústria, São João Batista, calçados, polo industrial.

Abstract: In the present study we sought to make a brief analysis of the footwear industry of São João Batista, Brazil, footwear capital of Santa Catarina, according to the paradigm of socio-spatial formation. The election of analysis seeks to elucidate primary factors regarding the spatial location of the production as well as the productive specialization of that industrial cluster. Such questions, when analyzed from the theoretical and methodological point of view listed by geographic science, result in a better understanding of the historical process developed from natural and social determinants, enabling allocation of resources, both material and immaterial, in a given fraction of the geographic space. Otherwise, the possibility to unravel the genetic determinants of production allows a more accurate analysis of the current reality of that productive center.

Keywords: socio-spatial formation, industry, São João Batista, footwear, industry center.

INTRODUÇÃO

A indústria de calçados no Brasil se destaca pela marcante pulverização da produção, já que está alocada geograficamente por distintos pontos do território nacional em conformações produtivas polarizadas e produtivamente especializadas, resquício do processo histórico de construção deste setor industrial que ter-se-ia iniciado antes mesmo da industrialização do país na década de 1930. Segundo dados mais atualizados, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Calçados (2014), o país ocupa o terceiro posto mundial na produção com montante superior aos 800 milhões

de pares produzidos ao ano e é o 15º maior exportador mundial, posição na qual vem gradativamente perdendo espaço, sobretudo, aos produtores asiáticos.

Participando do que se convencionou chamar de grupo de indústrias tradicionais, o setor de calçados revela sua importância no cômputo geral da indústria nacional pela magnitude que assume na geração de empregos, onde detém mais de 300 mil postos de trabalho, costumando representar, como observado no polo produtor de São João Batista, o carro-chefe da economia regional (ROSA, 2014).

Posto nesses termos, o objetivo principal do presente ensaio é apontar um esboço geral, evidenciando

a dinâmica da produção de calçados desenvolvida no polo industrial de São João Batista, capital catarinense dos calçados, especializada na produção de calçados femininos com marcante ligação às demandas da moda. Para tanto, ressalta-se que o estudo lançará mão do marco teórico balizador, enfocando a categoria de Formação Socioespacial (FSE) na busca por compreender as particularidades da produção ali desenvolvida.

A escolha do aporte teórico encerrado na categoria de Formação Socioespacial visa elencar os condicionantes que gabaritaram o desenvolvimento da produção desde sua gênese, já que a partir de tal estudo, segundo Santos, nos é permitido “o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre como um conhecimento específico, percebido num dado momento de sua evolução” (SANTOS, 2012, p. 25).

De pronto, a adoção dessa categoria teórica de análise busca rechaçar qualquer tentativa de homogeneidade acerca do fenômeno de desenvolvimento, sobretudo, porque parte das “múltiplas determinações” (MARX, 2011) constituintes e emanadas da própria região em estudo, pois, ela, a formação socioespacial, “é indissociável do concreto representado por uma sociedade historicamente determinada” (SANTOS, 2012, p. 27).

Não quer isso dizer que forças, ou como se preferir, determinações exógenas, não causem efeito sobre o desenvolvimento do local, mas tais determinações se fazem sentir por acomodações dadas a partir das “combinações geográficas” (CHOLLEY, 1964), possibilitadas por e a partir de condicionantes que interagem de forma dialética entre as várias escalas de atuação, passando do local ao regional, nacional e, nalguns casos, mundial.

Sob tal perspectiva busca-se fugir da confusão em tratar o local como parte subordinada do mundial, assim como insistem em pôr na pauta as equivocadas análises feitas a partir da perspectiva do “sistema-mundo” que, encabeçada por Wallerstein², ordinariamente tratam as formações e funções dos lugares como mera expressão do modo de produção dominante. Em tom semelhante, Jabbour desferiu cortante crítica às análises partidas do “sistema-mundo”, dizendo serem elas feitas de modo superficial, sobretudo porque “a lógica da

ênfase ao “externo” desloca a necessária concentração nas condições internas de cada unidade de análise (formação social), tendo consequência direta na impossibilidade de análise da transição e suas fases” (JABBOUR, 2012, p. 89).

No seu quadro oposto, as análises balizadas pela categoria de formação socioespacial, ou formações sociais, já que são sinônimos, entendem que as especificidades dos lugares atuam em dialética com as forças exógenas, segundo a qual

a localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades “externas”, aquelas do modo de produção “puro”, quanto pelas necessidades internas, representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita (SANTOS, 2012, p. 28).

Dito de outra forma, as formações sociais apresentam-se como a forma concreta da realização do modo de produção dominante mediante sua própria condicionalidade, emprestando o corpo (espaço geográfico) ao espírito do modo de produção. Aqui se revela o ponto de contato entre a categoria em destaque e o arcabouço maior do materialismo histórico, pois, ao ladear com outras importantes categorias tais como modo de produção, forças produtivas e relações de produção, a formação social torna-se uma categoria-chave da visão marxista do mundo.

Nesses termos, enquanto o modo de produção atua sob a sociedade geral, as formações sociais, ou sócio-espaciais, se assentam e partem do concreto, inclusive podendo-se dizer que elas seriam a única forma do modo de produção se fazer presente em dada porção do espaço geográfico. Dito de outra forma, enquanto o modo de produção representa a possibilidade de realização, a formação social é a própria realização territorialmente espacializada.

Como se sugere, outro ponto importante nos estudos que partem das formações sociais é aquele atrelado à condição espacial, por oras potencializando ou dificultando a materialização da produção, tornando-se assim, ela mesma, um fator de produção (SANTOS, 2012). Dessa forma, primeiramente os objetos geográficos dispõem-se em suas respectivas localizações como expressões objetivas da produção; depois, pelo fato de sua própria presença, passam a influenciar a própria produção, objetivando-se numa determinação.

² A crítica é feita a partir do texto “A análise dos ‘sistema-mundo’ como movimento do saber” de Wallerstein (2012).

Como se percebe, na sua contribuição geográfica ao amadurecimento da categoria, Santos (2012) inclui a localização dos homens naquelas determinações que podem e devem ser abarcadas pela categoria analítica de formação social, tornando-a, segundo suas palavras, formação socioespacial, pois, “o uso produtivo de um segmento de espaço num momento é, em grande parte, função das condições existentes no momento inicial. De fato, o espaço não é uma simples tela de fundo inerte e neutro” (SANTOS, 2012, p. 31). De forma objetiva, conforme afirma Mamigonian (1996), Milton Santos tocou no ponto coincidente entre as formações sociais e a ciência geográfica quando tratou da localização dos fenômenos, algo muitas vezes deixado de lado nos estudos geográficos.

Aliás, convém registrar a valorosa contribuição cedida tanto à geografia brasileira quanto ao amadurecimento da própria categoria de formação socioespacial pelo eminente mestre Mamigonian. Ao avançar sobre a concepção miltoniana na qual o estado-nação é a “unidade geográfica ou espacial de estudo” (SANTOS, 2012, p. 43), nosso ilustre geógrafo buscou sua aplicação como teoria e como método nos estudos geográficos de abrangência regional (SANTOS, 1960, 1965), demonstrando que mesmo sendo a região uma “subunidade”, como afirmava Santos (2012, p. 43), a formação socioespacial configurar-se-ia como instrumento fundamental para a leitura das realidades regionais a partir de uma visão de processo histórico. Sem qualquer tipo de exageros, Mamigonian fez inaugurar nova aplicação à categoria de formação socioespacial, proporcionando o desvendar das complexas realidades regionais formadoras do estado-nação brasileiro.

É nesse sentido que, assumindo que a categoria de formação socioespacial dá conta de responder a questões ligadas ao fenômeno de desenvolvimento regionalizado, no presente artigo buscar-se-á responder algumas indagações acerca do processo de industrialização ocorrido no município de São João Batista objetivado na produção de calçados. A base teórica da qual partimos é que nos proporciona elencar os condicionantes que, atuando dialeticamente no tempo e no espaço (formação social), forneceram a base para o *start* da produção.

Acreditamos que, dentre a multiplicidade de perguntas cabíveis acerca do processo de industrialização regionalmente localizado, destacam-se duas mais gerais que abarcam grande complexidade, as quais envolvem de um lado a sociedade e de outro a natureza. Cabe, então, indagar: i) que tipo de sociedade se estruturou

naquela porção espacial do estado de Santa Catarina; e ii) porque a indústria calçadista desenvolveu-se justamente naquela localização territorial do estado?

Para tanto, além dessa parte introdutória, antessala que buscou apresentar a categoria de formação socioespacial, e das considerações finais que encerram o debate, o ensaio contará com mais duas seções. A que segue tratará de elucidar os condicionantes que proporcionaram a gênese e o desenvolvimento da produção de calçados em São João Batista, levantamento feito a partir da categoria de análise norteadora do trabalho. Na terceira parte, tratar-se-á do desdobramento da produção e suas características atuais, bem como seu enquadramento produtivo e comercial na atual dinâmica nacional.

A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL COMO TEORIA E COMO MÉTODO: LOCALIZAÇÃO, SOCIEDADE E NATUREZA COMO CONDICIONANTES DA PRODUÇÃO DE CALÇADOS EM SÃO JOÃO BATISTA

É possível afirmar que toda a história da humanidade se realiza sobre uma base territorial delimitada, daí a afirmação de Mamigonian ao dizer que “todo estudo de formação social deve cuidar de localizações e espacializações” (MAMIGONIAN, 1996), da forma como o fizeram importantes figuras como Lênin, Trotsky, Gramsci e Rangel.

Assim parece ter sido o desenvolvimento da indústria de calçados em São João Batista, pois trata-se de um fenômeno que nasce a partir de condicionantes de ordem natural e social que, em atuação conjunta, vão dar suporte a realização prática de um dado momento da produção realizada no espaço.

Nesse sentido, é justamente nessa justaposição entre condicionantes naturais e sociais que nasce, espacial e temporalmente delimitada, a formação social, pois, como nos lembra Santos, “esta sociedade e ‘sua’ natureza, isto é, a porção da ‘natureza’ da qual extrai sua produção, são indivisíveis e, conjuntamente, chamam-se ‘formação social’” (SANTOS, 2012, p. 29).

Descendo ao caso específico e buscando os nexos genéticos entre a formação social regional e seu processo de industrialização, cabe ao pesquisador, sujeito da análise, buscar o lampejo desatador das forças produtivas associadas aos condicionantes endógenos e exógenos do local. Nesses termos, parecem assumir

papel preponderante na análise três elementos condicionantes que, em ação combinada, foram capazes de guiar o processo de produção que mais tarde veio a desembocar na industrialização dos calçados em São João Batista, sendo eles: i) o papel locacional de assentamento da colônia; ii) o quadro físico natural dos terrenos; e iii) o tipo de estrutura social que se estabeleceu na região.

No seu quadro locacional, que cederá contornos balizadores à função produtiva futura, ressalta-se que São João Batista está inserida numa microrregião entre vales litorâneos com ligação direta entre o Planalto Catarinense e o Oceano Atlântico, trajeto naturalmente seguido pelo rio que empresta o nome ao Vale do Tijucas, localidade pertencente a macrorregião da Grande Florianópolis e que dista cerca de 70 km da capital do estado de Santa Catarina.

Por sua vez, o sentido natural entre a serra e o mar findou em favorecer a abertura de rotas terrestres na mesma orientação do curso do rio, onde desde sua fundação São João Batista desempenhou importante papel como “nó de passagem” regional entre as regiões do planalto lagoon e as colônias europeias estabelecidas nos vales litorâneos dos rios Itajaí-Açú e Itajaí-Mirim, configurando-se importante rota de comércio regional durante meados do século XIX e XX, já que tanto Brusque quanto Blumenau, conforme Mamigonian (1960, 1965), não dispunham de acesso direto àquela região serrana.

Essa importante rota geográfica intensificou, além do contato comercial efetivado pelas tropas de gado, o estabelecimento de pequenas consertarias de arreamentos animais anexas às casas comerciais e pousos de paragem, estalagens onde os viajantes tropeiros descansavam e realizavam os consertos das selarias, arreios e botas de couro (MAURICI, 2008). Eis um condicionante de primeira ordem que influenciou de maneira decisiva a gênese artesanal da futura indústria de calçados na região, condição que parece destoar daquela colocada por Seabra, Lins e Cario (2008, p. 115) que, ao não levarem em consideração o fator artesanal no processo genético da produção, afirmam ser o *know-how* empresarial “adquirido pela experiência de tecidos” o condicionante fundamental da competitividade do setor, nítida referência ao setor produtivo desenvolvido no vale vizinho na cidade de Brusque.

No seu quadro natural, é interessante dizer que a colônia desenvolvida à beira do rio, base natural sobre o qual se assentam os primeiros colonizadores chegados

em 1836, caracteriza-se por terrenos sedimentares formadores de vasta planície quaternária em constante deposição orgânica fornecida pela significativa rede hidrográfica (PELUSO JÚNIOR, 1991). Assim, a condição físico/química dos terrenos foram fundamentais condicionadores do estabelecimento de atividades agrícolas que desempenharam importante papel na alavancagem econômica do município, caso evidenciado, por exemplo, pela cultura da cana-de-açúcar³.

Posto dessa forma, interessa-nos dizer que em seu quadro humano a região foi receptáculo de uma complexidade de casos imigrantes, cabendo destaque para os italianos, chegados em 1836 e onde estabeleceram a colônia Nova Itália⁴, açorianos vindos de colônias estabelecidas ao longo do litoral, os quais tiveram participação elementar no processo de avanço sobre a mata fechada e, por fim, mas não menos importante, as levas de imigrantes alemães, primeiramente chegados em Blumenau e Brusque que, dado o exaurimento das poucas terras disponíveis nos encaixados vales vizinhos, trataram de migrar em busca das terras férteis depositadas ao longo do rio Tijuca Grande.

De posse desse complexo quadro humano e natural, a sociedade que ali se desenvolveu buscou sua organização produtiva baseada no que Mamigonian chamou de “pequena produção mercantil”. Desse tipo de organização, transplantada da Europa e muito mais democrática do que sua congênere latifundiária instalada nas áreas de campos no Sul do Brasil, resultaram as condições favoráveis à formação de um excedente comercializável, bem como na formação de um dinâmico mercado consumidor local/regional, exigência fundamental para realização de uma economia do tipo capitalista que serviria de base para o futuro desenvolvimento da indústria local.

Nota-se aqui uma condição análoga que se estabelece nas duas principais regiões brasileiras produtoras

3 A cultura da cana-de-açúcar foi, posteriormente, a primeira atividade manufatureira regional dinamizadora da economia. O senhor Benjamim Duarte, importante comerciante da região, organizou em 1944 uma sociedade que contava com a participação de capitais oriundos de Tijucas (Valério Gomes), São João Batista, Florianópolis, Rio de Janeiro e investidores de Pernambuco/PE, notadamente representantes de usinas nordestinas que ofereceram a mão de obra qualificada à instalação da USATI, Usina de Açúcar de Tijucas/SC (Usina Dona Francisca).

4 A colônia Nova Itália é considerada a primeira colônia italiana no Brasil.

de calçados, vale dizer que tanto o Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul, como Franca, interior de São Paulo, caracterizam-se pelo mesmo tipo de estrutura econômica baseada na produção de excedentes comercializáveis fruto de pequenas propriedades policultoras, muito mais dinâmicas em termos de trocas e geração de demanda interna, já que, ao contrário das zonas latifundiárias, comportam contingente humano muito mais elevado e propício ao desenvolvimento de uma frutífera divisão do trabalho.

Desse modo, ressalta-se que São João Batista tornou-se não apenas um importante ponto de passagem regional, mas também um ofertante de mercadorias agrícolas e artesanais que iriam ser comercializadas inclusive fora da sua hinterlândia. Essa condição comercial desenvolvida pela cidade foi um marco importante no desenvolvimento econômico, já que prolongou as atividades ligadas à agricultura e ao artesanato regional.

Para que esses condicionantes assumam importância na análise que se expôs, é interessante levar em conta que, em contraposição a essa realidade, Mamigonian (1960) já havia assinalado que em Brusque os pequenos comerciantes, em virtude da queda dos rendimentos da agricultura (que geraram entraves à continuidade do sistema “colônia-venda”), buscaram a reprodução dos capitais noutras atividades, inclusive industriais, como o caso Renaux e Schlosser⁵.

Entretantes, é interessante ressaltar que o processo de industrialização ocorrido nas regiões vizinhas, introduzindo relações capitalistas de assalariamento, resultou num gradativo abandono daquelas atividades direcionadas para o autoconsumo ou, como se preferir, romperam com o complexo rural (PAIM, 1957), gerando especialização da produção e, conseqüentemente, favorecendo a divisão social do trabalho.

Como essas regiões enveredaram por setores nos quais a mecanização nasceu aliada ao trabalho fabril⁶, caso das indústrias têxteis e vestuaristas de Brusque e Blumenau, onde a produtividade marcava o ritmo dos investimentos, não tardou para que as demandas por calçados, que outrora se realizavam dentro da própria unidade produtora familiar, fossem direcionadas à região de São João Batista, na qual a atividade artesanal de se produzir calçados ainda se fazia presente graças ao retardamento da introdução de relações capitalistas de assalariamento, futuramente trazidas no bojo da industrialização.

Eis o papel endógeno marcando presença na gênese da industrialização calçadista de São João Batista, pois a industrialização dessas cidades vizinhas forçou o abandono daquelas atividades ligadas ao consumo próprio, como é sabidamente o caso dos calçados, abrindo, por sua vez, um grande mercado consumidor para fora dos marcos local, condição denunciada por Lênin no qual “constitui o elemento fundamental no processo de formação de um mercado interno” (LÊNIN, 1982, p. 13).

Nesse sentido, destacamos que assim como observado por Costa e Passos (2004) na gênese da manufatura de calçados do Rio Grande do Sul, também em São João Batista “o dinamismo do setor assentava-se no mercado interno, dependendo, então, do crescimento da população e da renda per capita”, condição que figurou até meados do século XX.

A que se destacar que o início da Primeira Guerra Mundial foi condicionante, de fundamental importância, à dinamização e desenvolvimento da manufatura de calçados em São João Batista, à época marcadamente artesanal. Movimento bastante favorável às indústrias nacionais e catarinenses (MAMIGONIAN, 1986),

5 Em estudo geográfico sobre a cidade de Brusque, Mamigonian (1960) ressaltou que os baixos rendimentos agrícolas, condição primeira no processo de acumulação dos vendedores, foi a mola propulsora da industrialização. Destaca o referido geógrafo que os comerciantes que atentaram para queda na produção agrícola pioneiramente trataram de inverter seus investimentos em atividade industriais, resultando nas primeiras indústrias têxteis da região (Renaux, Schlosser); já os comerciantes que insistiram na acumulação proveniente do sistema colônia – venda, em nítido declínio – foram gradativamente perdendo prestígio econômico (Krieger e Bauer). Para maiores esclarecimento, convém consultar Mamigonian (1960).

6 Conforme destacado por Mamigonian (1960, 1965), a empresa Hering, de Blumenau, fundada em 1880, iniciou seus trabalhos com um tear circular de produção de malhas. Em 1892 adquiriu mais quatro teares circulares, algumas máquinas de costura e de tricotagem, uma retorceira de fio e uma bobinadora. Em 1890, o número de teares circulares e máquinas de costura já haviam aumentado para 10 de cada tipo; em 1905, para 30. Por sua vez, a empresa Karsten adquiriu na Alemanha, em 1882, seis teares e uma pequena fição de 300 fusos. A empresa Renaux, de Brusque, além de ser a primeira fábrica de tecidos em Santa Catarina, em 1900 fez encomendas de máquinas de fição na firma Platt Brothers & CO., de Oldham, Inglaterra. Era uma fição de 1000 fusos, exigindo um técnico especializado que veio da Alemanha para a instalação.

a deflagração do conflito serviu como barreiras às trocas mercantis realizadas principalmente com a Europa, condição que impulsionou a produção interna de bens de consumo, detonando um verdadeiro processo de substituição de importações.

Longe de coincidências, interessa-nos ressaltar que os primeiros empreendimentos voltados exclusivamente à fabricação e manutenção de sapatos, desligados, portanto, das antigas consertarias de arreios, surgiram exatamente entre os anos de 1913 e 1914 pela iniciativa de Eleotério Vargas e dos irmãos Nazário (ROSA, 2014). Assim, a produção que resultava como subproduto da manufatura do couro voltada ao atendimento local passou a atender outras regiões do estado, como o planalto serrano e as importantes cidades localizadas nos vales vizinhos e sua hinterlândia, condição que gerou um mercado consumidor favorável à produção calçadista.

Com desenvolvimento lento, mas continuado, a produção de calçados se desenvolveu a partir da multiplicação das chamadas fabriquetas, atendendo à demanda local/regional, chegando aos anos de 1960 com mais de 20 pequenas manufaturas artesanais e de fundo de quintal instaladas na região (MAURICI, 2008).

Na década seguinte, por limitações estruturais, a indústria de calçados de São João Batista não conseguiu acessar os mercados internacionais abertos com a reorganização mundial da produção desencadeada pela crise de 1973, condição que tornou o atendimento ao mercado interno, agora tornado nacional graças ao desvio de foco dos principais produtores nacionais voltadas à exportação, como aquele único possível.

Já na segunda metade da década de 1980, sobretudo com o impulso gerado pelo Plano Cruzado de 1986, a região assistiu a um crescimento considerável em sua estrutura industrial com a pulverização de micro e pequenas firmas, condição propiciada pela inicial estabilização monetária gerada no bojo do plano que fez aumentar a demanda interna de bens não duráveis de consumo, época conhecida na cidade como aquela em que, graças à dinamização do mercado nacional, assistiu-se a entrada de inúmeros aventureiros na produção.

Paradoxalmente, e na contramão do ambiente forjado na década de 1990, a indústria de calçados de São João Batista comprovadamente seguiu em trajetória oposta à observada no âmbito nacional. Isso porque a inviabilidade de acesso ao mercado externo na década de 1970, que tornou a região fornecedora

especializada na produção direcionada ao mercado interno, revelou-se condicionante de primeira ordem do amortecimento dos efeitos da crise neoliberal que se abateu sob a economia brasileira, sobretudo porque atingiu com maior agressividade aquelas atividades com maior ênfase às exportações, subitamente tornadas inviáveis graças à sobrevalorização cambial levada a cabo em 1994.

Desse modo, Rosa (2014) constatou que, contrariamente às principais regiões produtoras brasileiras (que sofreram grandes retrocessos no período neoliberal), foi justamente nessa época que a indústria de calçados de São João Batista viu emergir uma potente estrutura produtiva, inclusive com o nascimento das principais firmas do setor, todas especializadas na produção de calçados femininos e com direcionamento exclusivo ao mercado nacional.

O POLO CALÇADISTA DE SÃO JOÃO BATISTA: DESENVOLVIMENTO PÓS-DÉCADA DE 1990 — O ESTÁGIO ATUAL DA PRODUÇÃO.

Na sua fase atual, não é exagero dizer que a estrutura produtiva desenvolvida na região tem na década de 1990 seu principal impulso dinamizador à formação de um polo industrial aos moldes do que definiu Perroux (1977). Conforme denuncia o Quadro 1, foi justamente nos anos da década em questão que a indústria de calçados de São João Batista viu nascer suas principais firmas compositoras, tornando a estrutura industrial, por definitivo, a força motriz do desenvolvimento regional.

Nesses termos, observou-se que foi a partir da década de 1990 que da indústria de calçados desenvolveu-se assumindo “formas que são as da grande indústria moderna; separação dos fatores de produção entre si, concentração de capitais sob o mesmo poder, decomposição técnica de tarefas e mecanização” (PERROUX, 1977, p. 101).

De pronto ressalta-se que o quadro tende a contrastar diametralmente aquele esposado por Costa e Passos (2004, p. 19), no qual, segundo os autores, “a crise atingiu as empresas a partir do mesmo ano e mesma direção, tanto para as empresas localizadas no cluster do Vale dos Sinos quanto para as demais regiões brasileiras”, mostrando, portanto, que o polo calçadista de São João Batista fugia à regra durante o

período assinalado. Eis a flagrante contribuição trazida à análise pela categoria de formação socioespacial, pois, ao analisarmos a produção de calçados com base na dinâmica das combinações geográficas da região, evitou-se a homogeneização dos resultados verificados no nível nacional.

Quadro 1. Principais firmas produtoras da estrutura industrial de São João Batista

Empresa	Cidade	Fundação	Produção/ dia	Funcionários
Raphalla Booz	São João Batista	1966	3700	370
Ana Paula	São João Batista	1976	1700	250
Giovana Pash	São João Batista	1980	400	35
ALA	São João Batista	1986	10000	411
Século XXX	São João Batista	1986	2500	260
Parô	São João Batista	1987	1800	140
Via Scarpa	São João Batista	1992	17000	550
Lia LIne	Nova Trento	1993	4000	1000
Contramão	São João Batista	1993	2000	110
Suzana Santos	São João Batista	1995	13000	360
Aye Aye	São João Batista	1996	1000	46
Villamonn	São João Batista	1997	300	40
Bárbara Kras	São João Batista	1998	7500	475
C&M Ind. Calc. LTDA	São João Batista	1998	2500	90
Um terço	Nova Trento	2002	200	15
Menina Rio	São João Batista	2004	1800	N/d
Letícia Costa	São João Batista	2004	2400	52
Di Valentini	São João Batista	2007	4000	224
Carmelita Diniz	São João Batista	2011	300	18

Fonte: Rosa (2014)

Por seu turno, a explicação para o fenômeno reside na capacidade de especialização produtiva do polo industrial em questão, atendendo exclusivamente à demanda do mercado interno, e não pelo ambiente gerado pela abertura comercial como querem fazer pensar Bonelli e Pinheiro (2008), entusiastas da abertura. De fato, Costa e Passos (2004) demonstraram que o ambiente de abertura causou grandes transtornos, principalmente às principais firmas brasileiras, por impedir que as exportações, mediante a agudeza da sobrevalorização cambial, encontrassem demanda nos mercados externos.

Interessa-nos ressaltar que, em análise ao Quadro 2, é possível observar um movimento de expansão do polo com a abertura de inúmeras firmas correlatas, ou “movidas”, conforme denominou Perroux (1977). No andamento dos seus processos produtivos, as firmas motrizes tendem a gerar os chamados *spillovers*⁷, movimento que faz crescer a demanda de insumos e serviços que atuam como incentivos à formação de um segundo grupo de firmas geograficamente localizadas e encarregadas de suprir a expansão da demanda requerida pelas firmas motrizes.

Quadro 2. Principais firmas correlatas da indústria de calçados de São João Batista

Empresa	Ramo de atuação	Ano de fundação
Cartonagem Batistense	Embalagens	1969
Cartonagem Puel	Embalagens	1986
Vgessele Embalagens	Embalagens	1991
Plastsetti	Solados injetados	1996
Polisola	Solados injetados	1997
Ind. e Com. de Papel	Embalagens de papel	1998
SJB Solados	Solados Injetados	1999
Formatt embalagens	Embalagens	2011
Company Embalagens	Embalagens	2002
J3D/Hipper	Solados injetados	2002
Quimicola	Materiais químicos	2005
Solabelle	Solados injetados	2005

Fonte: Rosa (2014)

7 Os chamados *spillovers* são movimentos de transbordamentos que emanam a partir de uma indústria motriz e se fazem sentir noutros setores industriais, comerciais e de distribuição.

De posse do quadro acima, destacamos que na sua concepção estrutural geral a produção está assentada sob aproximadamente 406 firmas ligadas à fabricação de calçados, o que quer dizer que a região sedia nada menos que 66% das forças produtivas catarinenses responsáveis pela produção de calçados, condição que a coloca como a principal aglomeração geográfica da produção desse produto no estado de Santa Catarina.

Desse quadro total, estimativas apontam para um total de 325 firmas ligadas diretamente à produção propriamente dita, destacando-se a significativa participação das micro e pequenas empresas que atingem 97% do total; o restante é completo por firmas de médio porte (ROSA, 2014).

No seu entorno estão sediadas aquelas firmas correlatas à atividade principal, que perfazem cerca de 80 empresas, das quais se destacam as prestadoras de serviços (limpeza, mecânicos industriais, transporte de funcionários), comércio (atacados, lojas de aviamentos e sintéticos), cartonagem (caixas e embalagens), insumos químicos (colas, corantes e vernizes) e fornecedoras de saltos e solados que, excedendo a oferta da demanda local, buscam ligações comerciais para fora da região produtora da qual fazem parte, configurando-se na segunda maior carreadora de prestígio regional.

Na sua expressão geográfica, a região é reconhecidamente uma produtora de calçados direcionada ao público feminino. Seus produtos são desenvolvidos com marcantes ligações às tendências da moda, o que se convencionou chamar de “calçados tipo modinha” (ROSA, 2014) ou *fast fashion*, essa última acepção veio de empréstimo do setor de vestuário.

É de suma importância assinalar que nesse nicho específico de mercado ligado à moda, a produção limita-se a pequenos lotes e tem duração de produção entre dois e três meses, já que sofre constantes modificações incrementais visando, sobretudo, a mudar a aparência dos calçados com a renovação de materiais e adornos. Daí o porquê de a produção regional não sofrer com as tão propaladas importações asiáticas, pois esse tipo de coleção tende a permanecer em vigor exatamente no tempo médio de traslado das mercadorias de outros sítios mundiais (cerca de três meses), o que acaba por incapacitar as investidas de produtos importados.

Como reflexo dessa especificidade produtiva, a região tem no mercado nacional seu principal palco de atuação comercial, já que direciona 89% de sua produção a este nicho de mercado específico. Por conseguinte, Rosa (2014) constatou em seu estudo que, no

mercado nacional, a região Nordeste é também aquela de maior importância para o escoamento da produção regional, situação que à primeira vista parece apresentar-se como um paradoxo, já que é naquela porção do território nacional em que estão instaladas unidades de produção de importantes firmas de envergadura nacional. Vale lembrar que essa é a principal característica da reestruturação da indústria nacional de calçados pós-década de 1990.

No entanto, ainda conforme nosso autor, essa especificidade distributiva dá-se pelas características geográficas daquela região, o que torna o Nordeste do país num sedutor atrativo ao escoamento produtivo por pelo menos dois quesitos básicos. O primeiro deles está ligado ao condicionante geográfico da invariabilidade climática, condição que proporciona aos empresários uma produção de “tocada continuada” de calçados do tipo sandálias abertas, que como se sabe, consiste num produto com poucas variações de etapas produtivas, baixa quantidade de insumos, de baixo custo e grande aceitabilidade, já que se moldam às características de uso da região com altas temperaturas.

O segundo grande atrativo está atrelado à inexistência de paradas da produção. Por ser de tocada continuada, as firmas não precisam adequar a produção às típicas trocas de coleções ligadas às diferentes estações do ano. Por sua vez, essa condição evita gastos com máquinas e equipamentos específicos para a produção das coleções de inverno, além de evitar treinamento dos trabalhadores em adequações às novas habilidades requeridas pelas variadas linhas de produtos.

No que diz respeito aos produtos, salvo iniciativas bastante isoladas ligadas à confecção de calçados com marcas próprias, no geral ainda é muito presente na região a prática do sistema *private label*, sistema no qual as fábricas atuam como produtoras contratadas ligadas a clientes detentores de marcas próprias. Esse quadro é potencializado pela crescente tendência varejista que vem se colocando como importante estratégia nos mais diversos segmentos econômicos do país, notadamente encontrando no concorrido mercado calçadista uma vasta área a explorar.

Outro pressuposto bastante marcante na região diz respeito à flexibilização da produção, enquadramento típico de terceirização produtiva. Nesse sentido, a terceirização destina-se a partes do processo produtivo como costuras, colagens de saltos, forros etc. e toma mais forma nos chamados ateliês familiares, firmas caracterizadas pela reduzida estrutura fabril que está, na

quase totalidade, empregando unicamente mão-de-obra familiar infantil e feminina.

Importa-nos dizer que tais estruturas passaram a ganhar mais espaço no quadro estrutural regional pós-década de 1990, resultando num dos principais mecanismos da reestruturação produtiva do setor calçadista de São João Batista, movimento entronizado, sobretudo, pela busca de mão-de-obra a preços mais baixos e enxugamento das estruturas de produção, movimento de reestruturação defensiva se comparado ao da década de 1970.

Normalmente surgidos dos quadros de ex-funcionários das firmas da região, os ateliês significaram um fôlego novo à indústria regional de calçados por possibilitarem a externalização de setores produtivos inteiros (corte, costura, colagem etc.), em boa medida, desafogando as firmas por possibilitar corte de custos com o quadro de trabalhadores sem acarretar perdas na produção, processo que, ao cabo, visa maior retorno do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposto em colocações iniciais, o presente ensaio buscou fazer uma análise do setor calçadista desenvolvido em São João Batista com base nos pressupostos teórico-metodológicos respaldados pela categoria de formação socioespacial. A partir disso foi possível elencar os condicionantes que, em atuação dialética, forneceram as bases para a futura industrialização voltada à produção calçadista na região em questão.

Desse modo, com base no setor calçadista, ressaltamos a seminal importância da localização geográfica de assentamento da colônia, as características físicas e químicas das terras bem como a organização produtiva fundamentada na pequena produção mercantil, condição primeira para a formação de um mercado consumidor propiciado pela função de “nó de passagem regional” desempenhado pela cidade, condições dadas que favoreceram o desenvolvimento de atividades artesanais ligadas ao trabalho com o couro, nomeadamente estopim para a manufatura dos calçados.

Outrossim, a formação de uma região produtora aos moldes de um “polo de crescimento” se deu pela singularidade da produção desenvolvida na formação socioespacial regional. A inviabilidade de atuação internacional provocada pelo baixo desempenho estrutural das pequenas fábricas da região findou em forçar o direcionamento da produção ao atendimento do

mercado nacional, condição que, futuramente, mostrar-se-ia requisito imprescindível para driblar a crise observada no cenário nacional pós-abertura comercial da década de 1990.

De outro modo, a especialização produtiva como condicionante geográfico da produção resultou numa região voltada exclusivamente para a confecção de calçados femininos ligados às variações da moda, marcante característica que atua como blindagem ao embate direto com produtos fabricados noutras regiões brasileiras e aqueles importados a preços mais convidativos.

Por fim, quando vista à luz da categoria de formação socioespacial, a indústria de calçados de São João Batista mostra-se uma singularidade geograficamente localizada que foge a qualquer homogeneidade de análise.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS (Ed.). Inteligência. 2014. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/site/inteligencia.php?cat=2>>. Acesso em: 1 jan. 2015.

BONELLI, R.; PINHEIRO, A. C. Abertura e crescimento econômico no Brasil. In: BARROS, O.; GIAMBIAGI, F. (Org.). **Brasil globalizado**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. p. 86-123.

CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 139-145, 1964.

COSTA, A. B.; PASSOS, M. C. **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2004.

JABBOUR, E. **China hoje: projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de mercado**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.

LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril, 1982.

MAMIGONIAN, A. A indústria em Brusque (Santa Catarina) e suas consequências na vida urbana. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3/4, p. 46-82, 1960.

_____. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 387-481, 1965.

_____. Indústria. In: _____. **Atlas Geográfico de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1986.

_____. A geografia e a formação social como teoria e como método. In: SOUZA, M. A. A. (Org.). **Mundo do cidadão, um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 198-206.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MAURICI, D. B. **São João Baptista do Alto Tijucas Grande**. Blumenau: Odorizzi, 2008.

PAIM, G. **Industrialização e economia natural**. Rio de Janeiro: ISEB, 1957.

PELUSO JÚNIOR, V. A. **Aspectos geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC; UFSC, 1991.

PERROUX, F. O conceito de polo de crescimento. In: SCHWARTZMAN, J. **Economia regional**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. p. 145-156.

ROSA, H. R. **Gênese, desenvolvimento e re-estruturação da indústria calçadista de São João Batista**. 2014. 289 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: _____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2012. p. 21-32.

SEABRA, F.; LINS, H. N.; CARIO, S. A. F. Arranjo produtivo de calçados da região do vale do Tijucas. In: CARIO, S. A. F. et al. (Org.). **Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva**. Blumenau: Nova Terra, 2008. p. 115-148.

WALLERSTEIN, I. A análise dos “sistema-mundo” como movimento do saber. In: VIEIRA, P. A.; VIEIRA, R. L.; FILOMENO, F. A. (Org.). **O Brasil e o capitalismo histórico**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 17-28.